

Prof.^a Lygia Alcântara do Amaral

Entrevista por: Sonia C. de Azambuja
Myrna Pia Favilli



Nosso contacto com D. Lygia data de muitos anos, no Curso de Psicologia Clínica da USP. Ela foi a terapeuta do nosso grupo e por tanto nossos vínculos com ela trazem a marca de uma experiência emocional particular. Além dos contactos durante a formação no Instituto, atualmente vivenciamos junto com ela o Curso de Formação de Analistas de Crianças, aulas de Filosofia, o grupo de estudos sobre Piera Aulagnier.

Mas agora, como entrevistadoras do IDE, iríamos usar e abusar de sua gentileza. Pois era uma noite de domingo...

Sonia - O que a senhora entende por profissionalização do psicanalista? O psicanalista tal como se articula hoje através das Sociedades de Psicanálise pode estar correspondendo ao que se espera dele como profissional ou necessitaria de uma sanção social que o vinculasse a instituição de caráter público, tal como as universidades? Da sua experiência na Universidade, como a senhora pensaria a tentativa desse vínculo? Como a senhora enfocaria o problema da psicanálise em relação à população, que sabemos necessitar e que se beneficiaria com ela, mas que não conta com os recursos econômicos exigidos? A senhora vê uma possível relação entre a profissionalização do psicanalista ao nível de uma instituição de tipo universitário e uma correspondente utilização da psicanálise por uma camada maior da sociedade?

D. Lygia - Eu acho esta questão muito difícil de ser respondida. Eu acho que a psicanálise é vida e quanto menos estiver presa às instituições sociais como a única maneira de ser mais é psicanálise. Às vezes, quando leio "Grande-Sertão-Veredas" do Guimarães Rosa, acho que ele me ensina mais sobre a mente do que mui-

to trabalho teórico de psicanálise. Não gosto de pensar a psicanálise presa às instituições como única maneira de existir mas ao mesmo tempo uma posição de muita permissividade pode ser perigosa, arbitrária e assim ser prejudicial, pois aonde poderia nos levar? É uma questão muito difícil. Nosso meio é muito limitado. A gente trabalha com um número pequeno de pessoas que estão interessadas. Quando eu preparei agora a introdução do trabalho sobre Observação Mãe-Bebê (do curso de Psicanálise de Crianças) eu me lembrei muito do curso de Psicologia Clínica da USP, que vocês fizeram. Em 1954 o nosso problema era exatamente de como poderíamos levar para a Universidade algo que era do campo da nossa experiência de psicanálise e do estudo de casos de escolares com problemas psico-afetivos, como vínhamos atendendo no Serviço de Higiene Mental Escolar organizado por Durval Marcondes. O objetivo era levar para gente nova e interessada, eram vocês naquele tempo, o estudo dos problemas emocionais de um modo vivo, dinâmico. Nós fomos convidados para dar o Curso de Psicologia Clínica do Curso de Filosofia, organizado pela Cadeira de Psicologia regida pe-

la Profa. Anita Marcondes Cabral. Nenhum de nós teve uma participação puramente teórica nesse Curso. O que eu fiz foi, partindo da Observação do Relacionamento Mãe-Bebê na família, levar os alunos a sentirem e perceberem de modo bem próximo as inferências psicanalíticas e assim o estudo da psicanálise foi se desenvolvendo juntamente com a psicoterapia de grupo e individual do aluno.

Sonia - Realmente foi uma experiência muito rica para todos nós. Acho que contribuiu muito mesmo para que fôssemos procurar depois uma análise terapêutica e posteriormente a formação psicanalítica.

D. Lygia - Sim, foi uma experiência muito rica porém também muito dolorosa para todos nós. Percebemos como a terapia à qual submetíamos os alunos não podia ficar restrita a um ano letivo... Foi muito doloroso... Durval Marcondes era muito entusiasta, achava que a experiência deveria prosseguir. Mas para mim bastou, após alguns anos de trabalho na Psicologia Clínica.

Sonia - Um ponto que me chamou a atenção na entrevista do Dr. Durval para o IDE é que ele assinala que o trabalho que era feito na Higiene Mental Escolar (e que foi levado à Universidade) visava crianças que não podiam pagar. Ele diz: Trabalhávamos com clientes que nos pagavam no consultório particular e com eles aprendíamos e levávamos essa experiência para os que não podiam nos pagar, na Higiene Mental. Fico pensando como hoje a Tendência mudou. Parece que o trabalho de pesquisa feito no consultório tende a se confinar ao próprio consultório. O analista se isola cada vez mais e este trabalho, às vezes altamente refinado, reverte apenas a poucas pessoas, afinal das contas, a uma elite. Lembro que nós mesmos trabalhamos em várias instituições (HC, Prefeitura) e era muito estimulante. Mais tarde as instituições foram se esvaziando. Quando trabalhei na própria Higiene Mental a possibilidade de

se fazer psicoterapia já era muito limitada. Como a senhora vê, hoje, a possibilidade de o analista contribuir de forma mais abrangente?

Myrna - A Sonia está trazendo uma questão real de mudança. O trabalho em Instituições nos atraía porque podíamos aplicar nossos conhecimentos e atender as classes menos favorecidas. Só posteriormente pensamos em Consultório. Atualmente a tendência dos jovens recém-formados é abrir rapidamente um consultório. O trabalho em Hospitais, Saúde Escolar por exemplo, é desprezado.

Sonia - Parece que trabalhar em Instituições é muito desgastante para o profissional e pouco compensador do ponto de vista econômico. Mas o pensamento psicanalítico deve beneficiar a um número maior de pessoas. Atendendo, tal como a experiência que vocês tiveram na USP, a um número maior de psicólogos e psiquiatras que por sua vez, levariam sua própria evolução a seus respectivos pacientes? Como a Sociedade de Psicanálise pode contribuir, nesse sentido?

D. Lygia - Bem, isso talvez seja um sonho seu, Sonia. Não sei. Porque na Sociedade somos poucos. Vocês vejam que somente agora, depois de tantos anos, pudemos organizar no Instituto um Curso de Análise de Crianças e Adolescentes. Não temos tantos elementos para darem os cursos. Somente agora pude organizar o Curso de Observação Mãe-Bebê, para que pudéssemos observar, sentir e pensar nos primeiros meses de vida da criança. Penso que existe um trabalho que pode ser iniciado nas maternidades, junto às mães, um trabalho que assistisse a mulher na sua depressão puerperal. Como isto pode ser feito pode levar ainda muito tempo. Talvez tenhamos que trabalhar muito, preparando pessoas nesse sentido ou despertando, através do estudo da relação Mãe-Bebê, o interesse de maior número de pessoas.

Sonia - Então não é só um sonho D. Lygia,

pode ser um projeto. Mas quero voltar ao problema dos que apenas consomem psicanálise porque podem pagar e daqueles que, sem recursos, a gente sente que necessitam, frequentam e trabalham muito seriamente.

D. Lygia - Bem, aí no caso você precisa trabalhar com esses que tomam a psicanálise como um consumo para que eles possam perceber a verdadeira dimensão da psicanálise e às vezes, até ajudá-los a irem embora. Acho mesmo que a psicanálise não é para todo o mundo. É como eu estava falando do Guimarães Rosa: quantos leram?

Sonia - Sim, eu sei que os caminhos do espírito nem sempre são frequentados pelos que tem dinheiro. Que não podemos apenas comprar livros ou psicanálises. Precisamos estar curiosos, para ler livros ou fazer psicanálise. Mas, e os que têm curiosidade e não têm dinheiro? Será que esta não é uma situação que o psicanalista deve denunciar?

D. Lygia - Acho que o psicanalista deve trabalhar para fazer psicanálise com quem queira fazer. O problema do dinheiro também é um problema de cada um. Em relação às Instituições acho que o psicanalista tem um trabalho muito sério a fazer, na medida do seu interesse. Por exemplo: Trabalhar junto à mãe (gestantes) e bebês me interessa muito.

Myrna - Nesse sentido está concretizado que o psicanalista tem um papel a desempenhar no social, pois a senhora exemplificou como o que aprendemos no consultório e na nossa formação dá ao analista uma visão do mundo, da vida, que influenciará o social.

D. Lygia - Eu acho que o psicanalista exerce uma influência muito grande no social. Por exemplo, eu nunca falo em psicanálise com as pessoas com as quais eu convivo, na minha família. Porém, mesmo sem falar, acho que exerço influência. Minha atitude com as crianças, por exemplo,

é uma atitude de deixá-las à vontade. Eu não forço numa direção ou em outra. Eu ob servo, acolho e deixo-as à vontade; posso fazer sugestões mas não há uma deliberação para influenciar. Quando deliberamos influenciar deixamos de ser psicanalistas.

Sonia - É claro. Esta já é quase a postura do analista.

Myrna - Voltando um pouco para a questão da psicanálise contribuir para um número maior de pessoas, não podemos pensar em cursos feitos para psiquiatras, psicólogos, para que eles possam trabalhar melhor em suas instituições, tal como nós tivemos na USP?

D. Lygia - Sim, acho possível na medida em que aumente o número de analistas. En quanto vocês falavam lembrei-me de um excelente ator australiano, Brian Barnes, que assisti recentemente na Cultura Inglesa, representando trechos das peças, contos e cartas de Oscar Wilde. Isto me levou a reler Oscar Wilde, não só as suas peças de teatro, seus paradoxos, seus belos contos como também as suas cartas escritas na prisão e que só foram publicadas em 1960, com o título "Tragédia da Minha Vida". A contribuição desse livro é considerável no que se refere à mente humana, e no entanto, quantos leram esse livro? Os livros estão aí para quem se interessar por leituras; naturalmente o interesse pode ser reativado por um bom ator como Brian Barnes. Assim também analistas podem despertar nos jovens o interesse pelas suas próprias mentes. Dentre as reflexões de Oscar Wilde no cárcere, tendo como companheiros criminosos, ele indaga sobre o que diferencia um homem que comete uma ação criminosa e os outros homens, pois "todos nós matamos o que mais amamos". Isto nos leva a pensar sobre nosso comportamento, as atitudes nossas e a refletir sobre elas. Pode-se aprender muito lendo livros como esse.

Myrna - Esta foi uma das nossas intenções ao criarmos o IDE. A criação de uma

publicação que pudesse levar aos analis-
tas outros campos de conhecimento, outros
modos de pensar, para que diferentes vi-
sões sejam somadas. Acredito que após es-
ta entrevista muitos irão ler "Tragédia
de uma vida".

Sonia - Quando fomos convidados para fa-
zer o IDE a idéia era que fizéssemos uma
publicação sobre o que ocorria na Socie-
dade.

D. Lygia - Um boletim de ocorrências?!!

Sonia - Sim. Resolvemos pensar que as o-
corrências poderiam ser transformadas pa-
ra abrir diálogo, indagações, debates.

D. Lygia - Eu acho toda movimentação mui-
to importante. Quando tive a experiência,
mesmo na Universidade (dando aulas, fa-
zendo psicoterapia de grupo e individual
durante o ano letivo) achei importante.
Importante para concluir que a psicanáli-
se é uma experiência que não pode se res-
tringir a um período marcado.

Myrna - E essas outras formas de terapia,
tais como psicoterapia de casal, psicote-
rapia familiar, de grupo, às quais as pes-
soas recorrem (até mesmo por problemas e
conômicos). Qual a sua opinião?

D. Lygia - É como eu disse. Toda movimen-
tação pode ser importante na vida de um
terapeuta desde que ele possa sempre pen-
sar, refletir e concluir algo sobre o que
está fazendo.

Sonia - Na sua experiência como psicote-
rapeuta de grupo não achou que muito da
dificuldade de se trabalhar com grupos
vem do fato do grupo psicotizar muito
mais?

D. Lygia - Levei um trabalho contando da
minha experiência para o 1º Congresso de
Psicoterapia De Grupo em Buenos Aires e
o Pichon-Rivière fez esse comentário, e
realmente vimos isso. Acho que não pode-
mos contornar esse fato. O grupo psicoti-
za muito mais. Não é uma experiência le-
ve. Lembro-me das primeiras vezes que
fiz psicoterapia de grupo. A Judite, com

quem eu trabalhava na Psicologia Clínica,
era a observadora do grupo. Depois das
sessões ficávamos conversando sobre o o-
corrido e tudo aquilo nos angustiava mui-
to.

Sonia - É, o grupo ataca muito o observa-
dor.

Myrna - Mas D. Lygia, apesar dessas expe-
riências na Universidade terem sido dolo-
rosas para a senhora foi muito importan-
te para nós, que participamos delas.

Sonia - É isso que eu penso, D. Lygia.
Porque afinal muitos de nós viemos para
a psicanálise pelo fato de o Curso ser
feito com experiências muito vivas, tais
como a observação de crianças (que no nos-
so curso foi orientada pela D. Judite),
o estágio em hospital psiquiátrico com o
Dr. Ferrão, seminários teóricos e clíni-
cos com o Dr. Durval e D. Virgínia e um
começo de análise pessoal e de grupo com
a senhora. Isso nos deu uma direção na
psicanálise.

D. Lygia - Sim. Eu quis contribuir na for-
mação de psicoterapeutas, de psicólogos
na Universidade. Eu nunca poderia falar
somente teoricamente. Foi isso que colo-
quei naquela Introdução que escrevi para
os trabalhos do Curso de Observação de
Crianças do Instituto.

Myrna - Daqueles grupos que se formaram
na USP muitos acabaram optando por ser
psicanalista. Eu mesma, que me formei em
1961, trabalhei alguns anos pensando sem-
pre em psicanálise, até que, em 1971 ini-
ciei a análise didática.

D. Lygia - Vejam quantos anos são neces-
sários para uma situação ser elaborada
dentro de nós. Vocês tiveram a experiên-
cia conosco e somente mais tarde puderam
optar por uma carreira analítica. Por is-
so é que eu digo que não é tão simples po-
der chegar às instituições sociais. As
pessoas, às vezes, querem apressar as coi-
sas. Tudo tem o seu tempo.

Sonia - A senhora acha que mesmo as se-

mentes que são lançadas de forma muito próxima às vezes costumam a crescer.

D. Lygia - Sim, eu acho. Vejam quantos a nos vocês mesmas levaram para que após a aqueles primeiros contatos vocês fossem a madurecendo. Por isso eu acho que umas das coisas mais terríveis que existe são o uso que fazem das teorias analíticas como pura intelectualização. Acho uma pra ga. Um trabalho genuíno é algo mais lento e difícil e muito mais valioso.

Myrna - Realmente. Acho que quando chegamos a uma maior profundidade sobre o que é a mente não temos mais vontade para discussões e proselitismos superficiais ou invasivos. A gente espera que venham nos perguntar para dizermos o que temos para dizer. Porém algo como a psicanálise e sua vinculação com o social eu acho muito importante.

D. Lygia - Eu também. Quando comecei trabalhar e aprendi muito na Clínica de Orientação Infantil. Mesmo hoje acho importante para o psicanalista a observação no lar do relacionamento mãe-Bebê. Tal observação contribue para a formação do candidato à psicanálise e mesmo para o analista a lidar com seus problemas pessoais que surgem nessa experiência.

Vocês vão ver agora esses trabalhos que foram feitos. O problema, por exemplo, da depressão da mãe, a depressão puerperal, que é muito mais comum do que se pensa. Acho que nossa vinculação com o social deve ser feita na medida do nosso interesse, e a relação mãe-criança é uma área que me interessa sobremaneira. O trabalho com gestantes teria justamente por objetivo atender a esse período tão importante da vida do bebê. Seus primeiros meses de vida com aquela jovem inexperiente que vai se tornando mãe, a sua mãe.

Sonia - D. Lygia, uma das coisas mais ricas que eu vivi quando fiz observação de crianças foi exatamente que, como observadora a gente não conseguia deixar de

participar.

Myrna - É mesmo. Eu me lembro de que observava uma criança tão traquinha, tão pobrezinha... Eu fazia um esforço enorme pois tentava me convencer que como observadora eu não podia me envolver, nem participar emocionalmente. Aí eu me lembro que D. Judite assinalou que eu estava fazendo um "splitting", porque eu mencionava, no meu relatório, que para não sofrer demais, eu tinha de pensar em todas as outras crianças nas mesmas condições e pelas quais eu nada podia fazer. Eu nunca tinha ouvido falar em "splitting". Foi nessa experiência tão afetiva com o meu bebê de observação que aprendi o que era um "splitting".

Rimos as três. Conversamos mais sobre aquela experiência e D. Lygia assinou o quanto esta experiência poderia ser revivida agora quando lêssemos o relato dos nossos colegas.

Sonia - Segundo Platão, como temos visto no nosso curso de filosofia, não é D. Lygia, o político é o tecelão que une como um tecido os vários segmentos da sociedade. A política é a ciência dos laços e a arte política é fazer bons enlaces. Dentro desta conceituação nós a temos visto, no âmbito da Sociedade de Psicanálise, como uma pessoa que faz política, isto é, que tenta aglutinar diferentes tendências de opinião para que as forças vivas da Sociedade possam conviver dentro de uma certa harmonia. Como a senhora mesma vê esta questão? Isto é, como unir em nosso meio a coragem que está tão ligada à criatividade e a moderação que modula os passos possíveis? Percebo que a senhora consegue reunir pessoas ao seu redor, que tiveram os mais diversos analistas e interesses diversos, para estudar e trabalhar.

D. Lygia - Bem, este é seu pensamento, Sonia. Talvez o que ocorra comigo consiste em ter certa disponibilidade para aco-



lher as pessoas, mas respeitando sempre a privacidade delas e a minha própria. É possível, dentro do respeito mútuo, a aproximação de pessoas as mais diversas para uma atividade que as interesse, como vemos nos nossos grupos de estudo.

Myrna - D. Lygia, a senhora poderia falar do que a levou para a psicanálise?

D. Lygia - Eu fui levada. Eu havia feito um curso de educadora sanitária e havia assistido uma conferência do Dr. Durval Marcondes sobre psicanálise. Eu estava trabalhando no Serviço de Antropometria. Um dia uma amiga minha, Clarice Fleury da Silveira, disse-me: Você não quer trabalhar no Serviço de Higiene Mental? Eu perguntei: o que é isso? E ela respondeu-me: você se lembra do Durval Marcondes? Ele vai criar esse serviço dentro da Secretaria de Educação, você se interessa? Sim, acho que sim; eu não sabia no que iríamos trabalhar e nem que acabaríamos trabalhando em psicanálise.

Myrna - A Higiene Mental estava sendo criada...

D. Lygia - Sim, estava sendo criada. Eu me lembro de que eu estava jogando tênis e minha irmã chegou com o "O Estado de São Paulo" na mão contando que o Serviço de Higiene Mental havia sido criado e minha nomeação saíra, assim como a de outras pessoas. Lembro-me que eu estava, naquele momento, bem mais interessada na partida de tênis. Na verdade, eu não sabia o que eu ia fazer. Mas entrando na Higiene Mental Escolar o estudo, a observação nos conduziu ao aprofundamento do trabalho junto às crianças, às escolas e estávamos sendo levados para a psicanálise. Fomos levados pela própria necessidade do trabalho, pelos problemas que as crianças apresentavam, pelos problemas que as escolas criavam etc. A nossa angústia era enorme. Éramos vistos ora como intrusos ora como salvadores, com desconfiança e também com curiosidade e exaltação. Assim eu fui mobilizada para a psicanálise. Todos fomos. Havia alguma

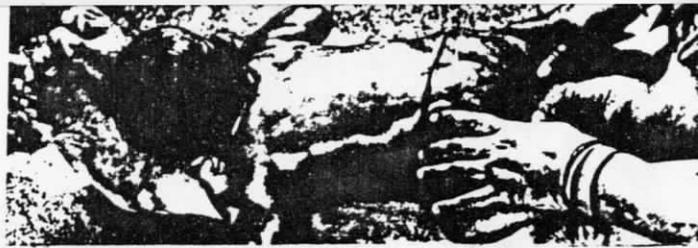
coisa no ar, alguma coisa de muito interessante que nos mobilizava. Sentíamos a necessidade da psicanálise sem saber ainda muito dela. Lembro que a Dra. Koch nos deu uma conferência, na Higiene Mental, sobre as teorias de Freud e tudo me pareceu estranho mas atraente.

Myrna - Depois a senhora participou também do Grupo que formou a Sociedade de Psicanálise de São Paulo. Primeiro a criação da Higiene Mental, depois a criação de uma Sociedade de Psicanálise...

D. Lygia - Sim. Travei conhecimento com a Dra. Koch e fiz minha formação. Depois fui para Londres onde fiquei seis meses estudando com o grupo da Tavistock, com Mrs. Bick. Tudo estava se iniciando aqui.

Myrna - Noto principalmente sua abertura para o novo. No curso de criança, por exemplo, onde apesar de toda sua experiência e do fato da senhora ser professora do curso, está também matriculada, cursando conosco o terceiro ano. Além disso temos os seminários de Filosofia e também o grupo de estudo da Piera. Sinto sua abertura para novos trabalhos, novos estudos; o que concretiza o que a Sonia chamou de um trabalho de tecelagem. Não percebemos este espírito, esta curiosidade, esta presença como a sua em muitos outros analistas da Sociedade. Acho importante essa colaboração em comum entre os professores mais antigos e os alunos mais jovens em Psicanálise. Torna-se estimulante.

D. Lygia - Eu me disponho a prosseguir quando a semente lançada é boa e muitas vezes a mudar o rumo de que estava me ocupando. Lembro-me que quando entrei para a Higiene Mental deixei os estudos de alemão para o inglês, pois os livros sobre o assunto eram americanos. Quando senti que a Inglaterra podia me oferecer muito no campo de estudo da Psicanálise fui para lá, onde permaneci seis meses em uma época de racionamento severo. Mas também experimentei o que é ser beneficiada com uma cultura onde há organização que



nos favorece, nos dá conforto, bem estar, desde o trânsito até as manifestações de arte; por isso sou muito grata aos britânicos, pois me ajudaram muito no início de minha vida profissional.

Myrna - O que eu estava pensando também é que toda sua formação em psicanálise é inglesa, não? A senhora aprendeu inclusive com o grupo Kleiniano, quando tudo ali em Londres estava embrionário.

D. Lygia - Sim. Frequentei as reuniões científicas da Sociedade e acompanhei de perto os trabalhos de Mrs. Bick, John Bowlby na Tavistock Clinic. A Sociedade Britânica compunha-se de três grupos denominados A B e Middle Group e entre eles a competição era acirrada e isto me desapontou pois eu ignorava essa situação o que depois vim a conhecer como fenômeno comum nas Sociedades Psicanalíticas, de Freud e seus companheiros até hoje.

Sonia - É, às vezes nossos pais brigam mas mesmo assim eles nos podem ensinar muito. Ainda dentro da questão da sua formação, como a senhora viu a psicanálise francesa? A senhora esteve muitas vezes em Paris. Depois de ter aprendido tanto com os ingleses o que a levou a se interessar pelo pensamento francês? Qual a diferença que a senhora percebe entre a psicanálise inglesa e a francesa?

D. Lygia - Eu não vi a psicanálise francesa porque eu não a vivi. Nós temos lido a Piera, eu li alguns escritos dos psicanalistas franceses. Tenho informações através de minha filha que morou e trabalhou lá vários anos. Mas eu mesma não trabalhei; não tive uma experiência, não estudei detidamente as obras de Lacan e por isso não posso dizer que conheço a psicanálise desenvolvida pelos franceses. Mas a nossa cultura foi sempre influenciada pela cultura francesa e a aprendizagem da língua francesa era habitual nas escolas. Vocês sabem que quando Armando Salles de Oliveira criou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foram professores franceses os convidados para o

ensino.

Myrna - Dentro da experiência de um analista, a passagem para Membro Associado é uma emoção marcante. Acredito que a passagem para Analista Didata deva ser uma outra etapa de emoções. Poderia nos dizer como a senhora a viveu?

D. Lygia - Eu também fui levada. Eu estava trabalhando, atendendo os meus pacientes, estudando, quando, de uma visita de Hans Thorner ao Brasil, ele me disse que eu devia me encarregar também da formação de novos analistas. Eu estava diante, outra vez, de uma nova situação, novas experiências, novas dificuldades. Sabe, acho que a vida é assim, é prosseguir e encontrar dificuldades. Sei lá. Mas acho que era um desafio e eu aceitava o desafio. Foi assim desde o início, pois a formação não era como agora. A Dra. Koch nos ensinava, nos analisava e dava supervisão. Vocês podem imaginar o quanto a situação era difícil. Nas aulas, por exemplo, ela ia lendo e traduzindo o alemão e nós acompanhávamos com o texto castelhano nas mãos. Depois o Prof. Philips, que começara aqui, também me deu supervisões; depois fui para a Inglaterra. Vejam que luta.

E foi a impressão que nos deixou. Alguém que luta, enfrenta, participa e vive os desafios que a vida e a mente nos colocam. Agradecemos sinceramente a sua colaboração para o IDE e mais uma vez, como tantas vezes já o fizemos, tomamos o cafezinho e nos retiramos.
